

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE/UFMG**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**  
**EPPIR – EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO IGUALDADE RACIAL NA**  
**ESCOLA**

## **Identidade Étnico-racial**

**Sandra Lucia dos Reis**

**Belo Horizonte**

**Abril - 2016**

**Sandra Lucia dos Reis**

## **Identidade Étnico-racial**

Trabalho de Análise da Prática Pedagógica – ACPP - apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa Ações Afirmativas, como requisito parcial para a certificação de participação no Curso de Especialização EPPIR.

**Orientador/a: Michele L. da S. Alves**

**Belo Horizonte**

**2016**

**Sandra Lucia dos Reis**

## **Identidade Étnico-racial**

Trabalho de Análise da Prática Pedagógica – ACPP - apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa Ações Afirmativas, como requisito parcial para a certificação de participação no Curso de Especialização EPPIR.

Apresentado em 09 de Abril de 2016.

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Professora Mestre Michele Lopes da Silva Alves

---

Avaliadora: Professora Doutora

## **Agradecimentos.**

À Deus, pela fé que me mantém vivo e fiel à vida honesta de trabalho e de estudo.

À minha família que soube entender a minha ausência nos muitos momentos desde que ingressei na pós-graduação, até a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos aqueles que sempre confiaram em mim, aos meus verdadeiros amigos, sempre. Sempre mesmo.

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação EPPIR

Muito especialmente, desejo agradecer a minha orientadora Prof.<sup>a</sup>. Michele Lopes da Silva Alves pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo ... um Muito Obrigado.

Ao Cleuton Oliveira, pelo estímulo, mesmo quando o cansaço parecia me abater e, principalmente, pela confiança e o carinho de sempre. Com vocês, queridos, divido a alegria desta experiência.

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens” (Provérbio africano).

## **Resumo**

O presente trabalho busca sistematizar as reflexões produzidas durante o desenvolvimento do “Projeto Identidade Racial”, desenvolvido em uma escola pública municipal de Contagem-MG, Escola M. Deputado Jorge Ferraz. O Projeto teve como público alvo crianças cuja faixa etária compreende entre 4 à 9 anos de idade, que cursam Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. O projeto focalizou a temática da identidade étnico-racial e a relação com colegas, buscando trabalhar as diferenças, bem como a valorização da cultura afro-brasileira, procurando desenvolver assim a identidade dos estudantes de forma positiva. O projeto foi organizado em nove etapas que serão descritas e analisadas, são elas: Leituras diárias e Ilustrações; Contos e Recontos; Rodas de conversa; Confecção de máscaras africanas; Aulas expositivas; Exibição de vídeos; Mostra Cultural, Brincadeiras e Produtos oriundos da África. Sabe-se que a implementação da Lei 10.639/03 é um desafio nas escolas públicas e privadas e o presente trabalho busca contribuir para a consolidação de uma educação antirracista, propondo propostas de práticas pedagógicas com temáticas que contemple a Lei e colabore na promoção de novas relações raciais mais éticas.

**Palavra-chave: Identidade étnico-racial, autoestima, compromisso da escola.**

## **Resumen:**

**Este estudio tiene como objetivo sistematizar las reflexiones producidas durante el desarrollo del "Proyecto de identidad racial", desarrollado en una escuela pública en Contagem, Minas Gerais, Escuela de M. D. Jorge Ferraz. El proyecto tenía como objetivo los niños cuyas edades comprenden entre el 4 y 9 años de edad, que asisten a la guardería y los primeros años de la escuela primaria. El proyecto se centró en la cuestión de la identidad étnica y racial y la relación con los compañeros, tratando de resolver las diferencias, así como la apreciación de la cultura afro-brasileña, buscando de esta forma el desarrollo de la identidad de los estudiantes de manera positiva. El proyecto fue organizado en nueve pasos que se describen y analizan, son: lecturas diarias e ilustraciones; Historias y narraciones; círculos de conversación; Hacer máscaras africanas; conferencias; Ver videos; espectáculos culturales, Bromas y productos procedentes de África. Se sabe que la aplicación de la Ley 10.639 / 03 es un reto en las escuelas públicas y privadas, y este documento pretende contribuir a la consolidación de una educación antirracista, ofreciendo propuestas de prácticas pedagógicas con los temas que cubre la Ley y colaborar en la promoción de nuevo más las relaciones raciales éticos**

## **Palabra clave:**

**Etnoracial identidad, la autoestima, el compromiso de la escuela**

## **Sumário**

<b>01-</b> Minha historia e motivações para a proposta pedagógica.....	08
<b>02-</b> Formação da Identidade Racial.....	13
<b>03-</b> Justificativa.....	17
<b>04-</b> Formação de Professores.....	21
<b>05-</b> Objetivo Geral.....	25
<b>5.1-</b> Objetivos Específicos.....	25
<b>06-</b> Metodologia.....	26
<b>6.1-</b> Ações Previstas no Projeto.....	26
<b>6.2-</b> I Momento Plano de Aula Diário.....	27
<b>6.3-</b> II momento Fazendo uma Pequena Pesquisa.....	29
<b>07-</b> Cronograma.....	29
<b>08-</b> Discorrendo e analisando a prática pedagógica de desenvolvimento do plano de aula.....	30
<b>8.1</b> O porquê de uma pesquisa familiar.....	35
<b>09-</b> Avaliação.....	36
<b>9.1-</b> Culminância do Projeto a partir de elementos culturais.....	36
<b>10-</b> Considerações Finais.....	37
<b>11-</b> Referências bibliográficas.....	39/40/41

## **01-Minha história e motivações para a proposta pedagógica**

Em minha caminhada estudantil até me tornar professora tive que persistir muito, pois venho de família humilde, que não valorizava os estudos, com paradigmas e dogmas de que mulher não precisava estudar. Sendo assim, ao concluir a quinta série, o “estúpido” de meu padrasto não me deixou mais ir à escola, dizendo que mulher não precisava estudar muito, bastava assinar o nome. Justificava também que se estudasse muito ia manter marido quando se casasse. Resultado: saí da escola.

Então aos vinte anos, aproximadamente, ouvi no rádio o seguinte anúncio: “o supletivo PH7 tem a mania de fazer as pessoas felizes, primeiro ou segundo grau em apenas seis meses, venha fazer sua matrícula”. Desliguei o rádio e no mesmo momento fui me matricular. Em seis meses concluí o curso e já comecei o segundo grau e ao concluí-lo, não fiquei satisfeita, mesmo com as melhores notas. Eu percebi que não tinha uma profissão e esta era minha meta, pois não dava para ficar em casa o tempo todo, queria me sentir útil.

Voltei a estudar e desta vez numa escola de Ensino Regular, pode-se dizer uma das melhores escolas de Ensino Médio do município de Contagem, na FUNEC – Fundação Ensino de Contagem. Fiz o segundo grau novamente, porém com habilitação em normal (professor 1ª a 4ª séries). Fiz alguns concursos na área, sem nenhum sucesso.

Foi quando conheci uma vizinha que me iluminou muito. Ela era dona de casa também e passava o tempo fazendo artesanato para casa e o vendia para ganhar um mísero dinheirinho. Todas as tardes nos falávamos, mas eu não queria aquilo para mim, apesar de ficar em casa. Sua profissão não era professora! Vejam só encontrei um caminho. Um dia apareceu um concurso em Contagem, tínhamos muitas expectativas em ser aprovadas, eu com segundo grau, fiz inscrição em auxiliar de secretaria escolar. Naquele dia me enchi de esperança, o salário era baixo, mas era um caminho. Não hesitei e comecei a estudar em casa.

Nesta escola, trabalhei sete anos como auxiliar, como as pessoas conheciam minha história de vida e sabiam do meu potencial, me incentivavam sempre a voltar a estudar. Eu admirava muito as professoras elegantes, que verbalizavam bem, articulavam as ideias, argumentavam sempre seguras de si, pronto queria ser assim! Porém não sabia quando...

Um dia, por acaso fui á Sabará, passando em frente à porta da Faculdade, tinha uma faixa divulgando o processo seletivo com inscrições abertas. Logo entrei, fiz minha inscrição no curso que me encantou: o de letras, porque tinha o espanhol com licenciatura plena. Iniciei o curso no ano de dois mil, quanta realização! Estava Feliz! As colegas da escola (trabalho) foram minhas cúmplices neste ato.

Sempre dedicada, me saia bem! Minhas notas eram boas acima de oitenta por cento. Os professores me admiravam, pois aparentemente eu era “doidinha”. Falava o que queria, onde queria, na verdade ainda não estava em tratamento, pois apesar de ser boa estudante, eu tinha um comportamento bipolar, sendo assim, às vezes me sentia insegura, depressiva, nervosa, ... O Claudio era meu parceiro, sentávamos juntos. Muitas vezes eu não entendia o que o professor explicava, então, meu companheiro explicava quantas vezes fossem preciso. Nesta parceria ninguém ficava prejudicado, pois Claudio não era bom em espanhol e em didática, eu o ajudava.

Surgiu um concurso na Prefeitura de Contagem para professor PI (1ª a 4ª), fui aprovada! Em 400 vagas fui classificada em 238º lugar. Bom, agora se iniciava uma carreira de desafios e da criança que eu era à professora que me tornei... Recordava cada professor desde o curso de magistério e tentando aplicar o que era possível, muitas vezes me vi copiando minha professora Ronilda. Porém, entrei numa realidade diferente e me senti frustrada por muito tempo, já que na teoria era tudo lindo, organizado, as colegas as quais assistiam aos meus trabalhos eram maduras...

Já as crianças da região de Nova Contagem... Vagas para iniciantes só se encontravam lá. Próximo à penitenciária, não que tenha preconceito, mas para professoras inexperientes eram uma prova. Pensei até em desistir, porém já havia me envolvido e investido demais!

A professora de didática e matemática nos ensinou a trabalhar com material concreto, então eu tinha muitos materiais lindos, confeccionados com carinho e todos plastificados. Um dia trabalhando com eles em sala, vi que as crianças não tinham carinho, eram mal-educados, gritavam, brigavam em sala. Algararra total. Eu não sabia o que fazer e corria para chamar a supervisora!

Na Faculdade, aprendi com a professora Stefani, seu jeito dinâmico de ser, de gesticular, usando o corpo na fala, nos envolvendo e buscando respostas, me vejo copiando-a muitas vezes. Quanto à disciplina me lembro do professor de teoria da literatura, como era sábio, um vocabulário admirável, a sua aula era envolvente. Ele sempre dizia que devemos buscar e instigar o estudante a buscar respostas, mas quem fecha as questões é o professor.

Esta frase é carregada de um saber que redireciona o construtivismo, pois com esta modalidade os professores estavam equivocados, pelo menos naquela época, pensavam que os conteúdos ficariam “soltos” sem um norte, sem diretrizes e no meu entendimento, mesmo que não dito claramente pelo meu professor, tive a certeza que esta frase veio consolidar e organizar o sentido das ações. Então, depois de passar por maus momentos com meus estudantes, vi que eu e só eu podia mudar aquela situação, senti que chamar a supervisora não iria resolver um problema que era meu.

Então fui aos poucos me tornando a professora que sou hoje e ainda continuo buscando, já que a formação é processual como dizia Fany, professora de didática a Práxis: “ação x reflexão x ação” nos levam a construção do que foi bom e o que não foi para uma determinada turma, nos tornando cada vez mais experientes e conscientes de nossa prática.

Como não havia outra saída comecei a me envolver com os estudantes e fazendo combinados como uma recreação extra. Passamos a nos conhecer mais, brincávamos juntos, íamos para quadra, ouvia os casos absurdos contados por eles sobre violência na região...

Tornei-me professora por gostar de estar na escola, visto que desde criança era lá que buscava refúgio segurança e amigos, também por me sentir vitoriosa e sábia tratando de conhecimentos junto aos estudantes e crescendo sempre junto a eles. Com esta profissão sou eterna estudante e esta foi e será sempre minha realização pessoal.

Hoje, considero-me uma profissional competente porque mantenho interação com os pais, chamo-os sempre que necessito, colocando-os a par da situação de seus filhos, e responsabilizando-os pela educação deles. Durante os meus 15 anos de experiência em sala de aula, participei de projetos políticos envolvendo a educação na prefeitura de Contagem. Lembro-me do projeto Brasil Alfabetizado em que eu exercia a função de orientar professores da região do bairro Industrial, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos. Logo este programa foi interrompido, porque havia muitas falhas nesse sistema, como professores não habilitados, sendo nossa orientação apenas em visitas mensais.

Outra oportunidade que tive foi a Alfabetização de Jovens e Adultos, durante a Educação de Jovens e Adultos – EJA - lecionei em uma escola sediada em uma associação e filiada à prefeitura. Como era tranquilo trabalhar ali! Apenas duas salinhas de aula com pessoas de diversas idades. Recordo-me de Dona Darci, uma senhora de quase 70 anos. Ela tinha muitas dificuldades, porém não faltava nem um só dia e havia muita empatia entre nós. Ela era uma artista pintava quadros maravilhosos, fazia exposição deles no Carrefour Contagem. Um belo dia ela apareceu na sala com um grande e maravilhoso quadro para mim!

Autografado e tudo mais... No ano seguinte, desenvolvemos um projeto de língua espanhola no INECAC escola diferenciada pela modalidade de ensino regular e formação para o trabalho, destinada a jovens vulneráveis.

Quanto a minha infância tão sofrida. Meu pai biológico vivia bem, era um major da Polícia Militar e dizia que não podia me assumir devido à profissão e a sua família, já que eu era fruto de uma relação extraconjugal. Ele ia me visitar a cada ano, levando uma nota de maior valor, como se isso fosse suficiente para sua presença. Eu não concordava com aquela situação, contudo ele era esclarecido e eu cresci esperando socorro dele para me tirar daquela casa que vivia com muito sofrimento. Na época, minha mãe era alcoólatra e fazia escândalos no meio da rua em brigas com meu padrasto, ajuntava as roupas numa trouxa ridícula e me puxava pelas ruas, eu toda descabelada, mal vestida sentia muita vergonha! Meu padrasto me tratava como um animal espancava-me e quando minha mãe separava, ele batia nela também nos ameaçando de morte com uma faca de cozinha. Minha paz era só na escola. O covarde do meu pai nada fez... Homem da lei... Porém sinto-me orgulhosa e até envaidecida porque venci todas as barreiras que a vida me colocou, na verdade sinto que todas as dificuldades foram uma alavanca para que eu chegasse aqui. Eu queria o sossego e as condições de vida que meu pai não ofereceu.

Sou uma professora, que ao ministrar aulas me sinto poderosa! (Modéstias a parte) e sei que posso contribuir muito na formação das crianças me realizo assim! Estou fazendo dois cursos na melhor universidade do Brasil, uma Pós Graduação e uma Residência Docente. Tenho uma boa família, somos felizes! Sou casada e tenho hoje um filho com vinte oito anos e uma florzinha na minha vida, a Julia nove anos meu orgulho!

Segundo Arquimedes:

“Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio, e eu moverei o mundo”.  
Arquimedes (matemático grego – supostamente entre 287 a.C. e 212 a.C.)

Mudei minha lotação de escola no ano passado. Fui para a E. M. Avelino Camargos. Sinto-me o tempo toda apreensiva na nova escola, já que não me senti bem-vinda ao grupo. A escola é um projeto novo, única escola de tempo integral na rede, e os professores que foram compor o quadro de lá, foram escolhidos e convidados pela SEDUC. No meu caso eu não esperava, apesar de que sempre busquei estender a carga horária para completar o salário. Digo que não esperava, porque me ligaram em dezembro, convidando-me a trabalhar na escola e assim, me garantindo um salário dobrado, já que seriam 40 horas. Pedi para que eu

fosse prestar serviços e continuasse lotada na escola de origem, porém não aceitaram, Justificaram minha mudança afirmando que quem fosse trabalhar nessa escola que me encontro, deveria vestir a camisa da escola, abraçar o projeto e fazer acontecer.

Foi o que fiz quando foi transferida investi e dediquei-me com responsabilidade e ética. Porém alguns professores antigos continuaram lá, sem concordar com o projeto de escola integral e causando o caos. E quando me dei conta, estava em uma guerra política. Um grupo pequeno que lutava para levantar a escola e outro que a sabotava, reclamava, derrubava as ideias

Este texto reflete sobre o trabalho com formação da identidade racial realizado com alunos de uma turma de 3º ano do 1º ciclo em uma escola pública no município de Contagem – Minas Gerais.

Através da literatura venho trabalhando este tema desde o início do ano, quando ao conhecer a turma pedi que as crianças preenchessem uma ficha com suas características e gostos. Uma aluna preta se declarou morena. Entendi então, a necessidade do trabalho para que esta e outras crianças pudesse entender a necessidade de aceitar-se, para se sentir melhor como pessoa e valorizada. Houve grande envolvimento e participação dos alunos e de suas famílias.

Este trabalho, portanto, trata da análise dessa prática pedagógica, sendo organizando por subtemas. No primeiro subtema a formação da identidade racial compreende uma análise da importância dessa formação para a autoestima do sujeito, bem como sua relação com o outro, na sociedade em que o respeito e as relações sejam livres de preconceitos e aculturação da sociedade reprodutora da desigualdade social. Colocando a escola como responsável por educar as crianças ao invés de reproduzir a desigualdade e perpetuação de preconceitos. Já que através do estudo deturpado da história do Brasil consolida-se conceitos e referencia errôneas do fato real dos negros no Brasil.

Segundo subtema, a justificativa, visando a afirmação de conceitos e valores que são cruciais na formação do sujeito livre, autônomo e crítico diante dos fatos e repressões sociais culturais e políticos. Acentua-se o fato de que a maioria dos jovens assassinados no Brasil são negros de periferia. Reprimidos e marginalizados por contexto social e políticos.

Terceiro subtema Formação de Professores

Quarto subtema, Objetivos gerais: Fortalecer a identidade e reconhecer as características de forma positiva e por histórias.

Quinto subtema trata-se dos objetivos específicos: estimular a autoestima, resgatar a memória e cultura negra na comunidade.

Sexto subtema, o plano de aula sendo onze aulas previstas.

Sétimo subtema, proposta de uma pesquisa em família analisando os antepassados genealógicos.

Oitavo subtema, tempo destinado ao projeto. Sendo que se desenvolveu de agosto a dezembro de 2015.

Nono subtema, discorrendo e analisando a prática pedagógica das aulas. Momento de reflexão e críticas sobre as aulas, revendo pontos positivos e negativos.

Décimo subtema, o motivo de uma pesquisa familiar, justificativa da importância de se conhecer seus antepassados negros e brancos.

Décimo primeiro subtema, avaliação dos trabalhos realizados pelos estudantes, bem como sua mudança de postura diante de situações de racismo no cotidiano escolar.

Décimo segundo subtema Culminância do projeto com a participação da comunidade.

Décimo terceiro subtema considerações finais.

## **02- Formação da Identidade Racial**

A identidade racial de uma pessoa é importante à ascensão social, se contudo, a pessoa negar sua raça, ela deixará seu lugar para se colocar no lugar do outro, internalizando uma cultura que não é sua. Tornando-se branco, a pessoa negra estará contribuindo para manter o mito da democracia racial, o racismo velado e aceitando a miscigenação como forma de alienação da nação e conseqüentemente prejudicando os negros quanto ao acesso aos bens culturais. Como “mito da democracia racial” compreende em negar a existência do racismo Já o racismo velado é quando a sociedade diz que há igualdade racial, porém as oportunidades são diferentes, ou seja o branco é sempre privilegiado em profissões, carreiras políticas etc. Por sua vez, a “miscigenação” tratou-se de uma forma de dominação dos brancos sobre os negros para que fosse compreendida uma relação de harmonia social

Esses três conceitos evidenciam o contexto de amarras que o povo negro foi conduzido a desejar se assemelhar ao branco, num processo histórico escravocrata e de colonização.

SegundoMunanga, (1986, p 27)

“Na sua totalidade negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito. Como tornar real essa semelhança a não ser através da troca da pele? Ora, para nisso chegarem, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a autor escusa.”

Neste dilema, “o embranquecimento do negro realizar-se á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco”. Por embranquecimento pode-se entender a inversão de valores e cultura do negro agregando valores e esquecendo os seus próprios. Porém, o negro instituído na escola do colonizador branco toma aos poucos o conhecimento da inferioridade forjada. O negro passa a ter consciência que a única forma de se livrar da inferioridade é a assimilação dos valores culturais do branco. Contudo, o negro rejeitou esse embranquecimento cultural, pois devido ao aprender bem as línguas ocidentais, ter acesso as disciplinas e universidades, eles esperavam por um tratamento igual. Porém, no plano social não deixaram de serem vistos como negros e como inferiores. Neste contexto, tudo levou a retomada de sua herança sociocultural, retornando a si mesmo, por meio de revoltas, lutas e resistências. Então o termo negritude é uma resposta racial negra a agressão branca

Portanto, o racismo exige ruptura, uma desconstrução do eurocentrismo e a aceitação do eu, pois a partir construção de sua autoestima, quebrando paradigmas e aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Todavia a escola tem um papel crucial na formação da identidade, essa instituição utiliza o discurso de igualdade, porém não respeita as diferenças. Valorizam um estereótipo europeu, estigmatizam e discriminam os negros.

(...) Dessa forma, o que as pesquisas sugerem como ferramenta de combate ao racismo é que tal questão não continue sendo ocultada na instituição escolar, devendo possibilitar um espaço permanente para discussão e reflexão de posturas racistas e preconceituosas, visando à superação de estereótipos, estigmas e discriminações contra os negros que são tão presentes no ambiente no ambiente escolar (Romão, 2001; Ramos, 2002; Silva, 2000).

O sujeito negro dentro de uma escola desde criança, vendo estampado em cartazes somente pessoas estilos europeias, ou seja traços finos, cabelos lisos, pele branca, jamais se sentirá incluso e aceito, pois não se identifica com as imagens dos livros da escola, na mídia e na capa de revistas.

Um dos desafios com os quais a educação escolar se defronta está em mostrar para os demais interessados pela educação escolar, que o povo negro, assim como os outros, a

exemplo dos povos indígenas, construiu ao longo da sua trajetória uma identidade étnica. Ou seja, um modo de ser e ver o mundo, a partir de um referencial histórico e cultural, que o distingue das outras etnias. Esse desafio não pode ignorar que o processo de construção da identidade étnica sofre a violência racista exercida pela nossa sociedade. O processo de construção da identidade do negro, por mais ambíguo e complexo, é um dos fatores determinantes da visão de mundo, da representação de si mesmo e dos outros, do relacionamento na família, no círculo de amizade. Enfim, de uma série de relações que são produzidas em variados contextos nos quais estes sujeitos circulam e que são constantemente ativadas e interrompidas, a depender do modo como esses sujeitos são interpelados nesses círculos de relações. Isso mostra que, como processo, a construção da identidade não é estática, antes se modifica em função da convivência entre os sujeitos, a partir das relações sociais, uma vez que “a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica. Ela não é fechada ou cristalizada como um patrimônio de raízes fixas e permanentes construção da identidade de raça, em relação aos afro-brasileiros. Em diversos contextos, apresenta-se de forma fragmentada e contraditória, afirmando-se pela sua própria negação e ocultamento na vida desses sujeitos que estiveram, historicamente, expostos aos processos e práticas de discriminação impostos pelo racismo brasileiro. Dessa forma, a inclusão das demandas dos movimentos sociais, dos estudos sobre a produção simbólica e material do povo negro, torna-se imprescindível para aqueles que desejam refletir de maneira séria e cuidadosa sobre a realidade educacional em nosso país.

Portanto, a promulgação da Lei 10.639/03, que declara a necessidade em se abordar a História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas é essencial. Observamos que as ações para a sua implementação ainda estão aos poucos sendo difundidas em meio às instituições educacionais do país. Essa lei que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB) e incluiu no currículo oficial o Ensino Básico das redes pública e privada, a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

O maior desafio a ser enfrentado após anos de sua aprovação ainda é o de colocar essa inclusão em prática de maneira eficaz e adequada no cotidiano escolar brasileiro. De acordo com a lei, o conteúdo programático das diversas disciplinas deve estar no estudo de História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas artísticas, social, econômica e política. “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira

devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar e, principalmente, nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira” (MEC, 2011).

O principal problema encontrado no processo de ensino e aprendizado da História Afro-brasileira está nas representações dessa cultura e na formação de nossa própria cultura nas escolas. Isso porque não é relativo à História e à sua complexidade, mas em relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação equivocada sobre a África, que se herdou a partir dos traços de nossa colonização e sua importância para a formação dos povos colonizados. Povos explorados pelos europeus, em sua grande maioria, o que foi gerando gradativamente informações de caráter racistas, produtoras de um imaginário pobre e preconceituoso, brutalmente erradas, extremamente alienantes e fortemente restritivas, ligadas quase sempre ao preconceito social e a discriminação racial.

Segundo Nascimento (2003, p. 393-394),

A imagem distorcida da África, ou sua omissão, nos currículos escolares brasileiros legítima e ergue como verdades noções elaboradas para reforçar o suprematismo branco e a dominação racial. Essa distorção tem impacto tão devastador sobre a identidade afrodescendente quanto a supressão da resistência no negro à escravidão e a representação da matriz religiosa como “cultura arcaica” ou “culto animista”, quando não “obra do demônio”. A negação da ancestralidade na sua plena dimensão humana é um elemento essencial de desumanização dessa população. Ademais, o sistema de significados criado pelo racismo baseia-se em grande parte no alicerce ainda pouco abalado da crença na incapacidade do africano de criar a civilização.

“A palavra discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. Devemos tomar cuidado, entretanto, para não considerar a discriminação como produto direto do preconceito”.

Segundo Bento Teixeira (1992, p. 21), “ele é fruto do mito da democracia racial onde se afirma como não temos preconceito racial no Brasil, aqui não temos discriminação racial”. Ainda de acordo com Teixeira, a discriminação ato "Intencional ou apoiada em preconceito às vezes causadas por situações de caráter”

Políticos, sociais e psicológicos que vão além do preconceito desenvolvido pelo sujeito.

Portanto, a escola deve se ater ao fato de que vem causando impactos constantes, sem a devida visibilidade, reforçando os estereótipos da cultura dominante, conseqüentemente, atribuindo aos negros, um lugar de menos valia em função de suas características raciais.

Assim, com frequência, podemos constatar situações de discriminação, nas quais as crianças negras sofrem os preconceitos historicamente construídos.

Frequentemente vimos se repetindo, na escola e na mídia, situações deliberadas e com grande falta de respeito e agressividade que ocorrem indiscriminadamente na sociedade. As crianças, por sua vez, sofrem com essas situações de preconceito racial. Zilá Bernd (1994: 9-10) afirma que o indivíduo preconceituoso é aquele que se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos. É, pois, uma posição dogmática e sectária que impede aos indivíduos a necessária e permanente abertura ao conhecimento mais aprofundado da questão, o que poderia levá-los à reavaliação de suas posições.

Ora, recaindo críticas e desvalorização da pessoa em função de características étnico-raciais e culturais tais como: sua cor, cabelo, traços físicos, modos particulares, sua religiosidade, etc. Sem ter um apoio na escola, as crianças, ávidas por se integrarem no grupo, sentem-se aceitas, muitas vezes, se calam sem sequer compartilhar sua dor e seus sentimentos.

Essa constatação, da discriminação étnica-racial na escola exige, em primeiro lugar, o reconhecimento deste problema e dos impactos que os alunos sofrem com ele. Em segundo lugar, torna-se necessária a intervenção do (a) professor (a), para construir uma coletividade em que haja respeito pela diferença. Atribuída e associada e uma imagem positiva. Torna-se necessária a disseminação do tema associado a uma prática coerente em que as ações reflitam os valores.

### **03-Justificativa**

A formação da identidade de crianças é de crucial importância, visto que é na infância que se forma a percepção do eu, a formação do caráter e a relação social. Portanto, se não vivenciados e formados bons comportamentos e autoestima na unidade da ética e cidadania, corre-se o risco de formarmos delinquentes. Pois, ao meu ver, quem forma os adolescentes e adultos “bandidos” é a escola, a sociedade e o momento político, nos quais a pessoa está inserida, visto que é vítima de preconceitos, Bullings, tende a ser marginalizado. E a margem as pessoas tem menos oportunidades de sobressair e colocar-se bem socioeconomicamente.

No entanto, o mal comportamento da vida adulta pode ser evitados com uma boa educação e assim, voltamos na questão da responsabilidade da escola na formação de sujeitos.

Todos os dias, vejo noticiários de assaltos, furtos e roubos os homicídios são, hoje, a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, que atingem, especialmente, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do Ministério da Saúde mostram que mais da metade (53,3%) dos 49.932 mortos por homicídios em 2010, no Brasil eram jovens, dos quais 76,6% negros (pretos e pardos) e 91,3% do sexo masculino." (Ministério da Saúde, 2010).

Partindo do pressuposto que em cada jovem branco assassinado no Brasil, três negros morrem na mesma condição, vejo que este dado é alarmante, pois o negro já nasce com estigma “marcados para morrer”, o extermínio é grande no Brasil, principalmente Rio de Janeiro. Isso porque nas cidades grandes concentra-se mais a pobreza, pois as maiores oportunidades de ascensão para jovens também estão nas cidades maiores. Há então, uma migração do interior para as cidades já que buscam maior facilidade de acesso aos serviços educacionais e há mais opções de emprego. As cidades propiciam uma melhor chance de constituição de redes sociais para a troca de informações e uma larga diversidade cultural. Todos esses são componentes são essenciais para a formação dos jovens. Portanto, o governo não prepara, não disponibiliza o acesso para todos, não tem uma política voltada para o jovem e principalmente para o negro.

Este é violentado pelo estado, já que a cidade não comporta ou não tem “lugar para pobreza”, partindo do conhecimento que o negro não teve oportunidade como o branco, desde a infância, de acesso aos bens culturais: este está à margem e, conseqüentemente, será o maior prejudicado. Sendo empurrado a agir como um delinquente, infrator e, possivelmente criminoso. O racismo, desta forma, gera uma questão maior o problema é social, na verdade os dois estão atrelados as questões: culturais, políticas e sociais, gerando violência e guerra no Brasil. Sim, guerra silenciosa, covarde, que atinge o negro e o branco, esse último que é elite, se coloca como vítima. Não se pode delegar o racismo e a sociedade como únicos culpados pelos desacertos dos jovens, sabe-se que há todo um histórico de vida, desde a infância que contribuem para a marginalidade, como: maus tratos, situações de conflitos entre os pais, vivência com pessoas desequilibradas... que podem trazer traumas e interferir na formação da identidade do sujeito. O que pode designar comportamentos, na fase adolescente e adulta.

O futuro do país, então, se formará no hoje, o governo e toda a sociedade devem propor espaços e acesso aos bens culturais desde a primeira infância para todos, conduzindo

os jovens à formação para o trabalho, oferecendo efetivamente apoio psíquico e emocional, em instituições de formação. Acesso este negado aos pobres, transformando a sociedade de delinquentes em cidadãos de bem, trabalhadores, questionadores, preparados para a ciência, a busca pelo saber, a sede pela pesquisa, por transformar este país e fazer justiça, e participar politicamente buscando novos caminhos para uma população que tende a longevidade. Assim, como o governo, a escola tem sua responsabilidade, bem como professor, atividades bem planejadas e na formação humana somam forças às ações políticas. Professoras e professores representam e podem fazer muita diferença na vida dos estudantes, sejam crianças, jovens ou adultos.

Muitas vezes o professor escolhe uma literatura que privilegia os brancos como Branca de Neve, Rapunzel etc., sem questionar de onde vêm suas escolhas. Segundo Cavalleiro: *“precisamos questionar as escolhas pautadas em padrões dominantes”* (CAVALLEIRO, 2001, p.20).

Tendo isso em vista e retomando a dimensão do embranquecimento na formação da identidade, a ideologia da beleza pautada em pessoas de cor branca, precisa ser questionada. Se por um lado na beleza europeia as pessoas possuem traços finos, cabelos lisos, olhos verdes etc:por outro lado, o negro tem uma pele mais resistente, com menor possibilidade de envelhecimento precoce, os lábios são carnudos, os cabelos são volumosos, corpo mais escultural etc. Ou seja, são belezas diferentes e não há que menosprezar nenhuma delas. Os alunos precisam conhecer histórias onde a beleza é diferente.

O trabalho com a História da África possibilita aos alunos conhecer não só diferentes tipos de beleza, considerando os aspectos étnico-raciais e culturais, mas, sobretudo, a história do povo negro no Brasil. As e os personagens negros que colaboraram para a libertação de seu povo e a construção de um outro país e, ao mesmo tempo, as novas nuances do racismo velado. Como exemplo, temos o vídeo: “Quanto Vale ou é Por Quilo?” Direção: Sérgio Branchi1799. O paralelo no filme é perfeito para entender a ideologia na época antiga e época atual, ela é idêntica, de um lado brancos e de outros negros, onde está a abolição? Onde está o respeito aos negros? Temos aí o paralelo do secular racismo embutido, mascarado pela hipócrita sociedade.

Outro vídeo de grande valia seria o “Vista a minha pele”, que trata de uma criança branca dentro de uma comunidade negra, sentindo na pele a discriminação e o preconceito que os negros vivem diariamente. A história oficial é invertida: os negros são classes dominantes e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra. Os países ricos

pertencem à África. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda em um colégio particular graças à bolsa de estudo que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. Recorrendo a ambos os filmes como recursos didáticos é possível desconstruir mitos e trazer para sala de aula elementos que tragam reflexão do contexto sociocultural de nossa época e de outrora.

Vemos, na grande maioria dos livros didáticos, sequer uma representação ou estudo de heróis negros, quando digo heróis não falo dos personagens com super. Poderes, apresentados pela mídia, mas de líderes como Mãe Menininha do Gantois... A mais famosa Mãe de Santo do Brasil. Uma mulher à frente do seu tempo. O terreiro do Gantois também um dos mais importantes do Brasil. Caetano, Gil, Gal Costa, Bethânia, Jorge Amado, Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Caribé e muitos outros são alguns filhos de Santo do Gantois. Líderes como Abdias Nascimento, muitas vezes não mencionados na história do Brasil. Porém, este último é integrante e participante ativo na construção da história de luta de segregação racial. Este deve ser estudado assim como Tiradentes.

O que encontramos na maioria das vezes é o privilégio da sociedade branca. São essas imagens que aparecem na mídia, apenas fotografias de pessoas de descendência europeia. A história do Brasil faz relatos dos negros como escravos, não reconhecendo os seus valores e contribuição para a construção de um país rico, que é hoje assim.

O estudante negro, em sala durante uma aula de história, com um profissional mal orientado pode sentir constrangido. Os profissionais da educação reforçam os preconceitos e os estereótipos. Nessa perspectiva, a dimensão do ensino aprendizagem deve ser ampliada e incorporada, embasada em valores éticos, nos quais atitudes racistas e preconceituosas não podem ser admitidas.

Devemos estar atentos a ações dos estudantes quanto ao comportamento a outros, observando como são tratadas as diferenças, já que vivemos em uma sociedade diversificada. Os cabelos crespos e a cor da pele são as maiores marcas étnico-raciais que são observadas, e muitas vezes, as crianças brancas tratam com indiferença os estudantes que apresentam tais características.

Nessa direção, a observação atenta de suas atitudes relacionada com as cores das pessoas.

“O cabelo, transformado pela cultura como sinal mais evidente da diferença racial (...) nesse processo, as cores “branca” e “preta” são tomadas como representantes de uma divisão fundamental do valor humano.” (. (KOBENA apud GOMES,2002, p. 148, 2003)

## 04-Formação de Professores

Nas instituições educacionais, o compromisso dos educadores está relacionado também com a busca de práticas que possibilitem atuar para romper com os preconceitos através de pesquisas, levantamento de informações sobre a comunidade local, assim como do contato com os familiares das crianças, para permitir uma maior proximidade e conhecimento das histórias de vida no intuito de contribuir com uma educação antirracista.

O professor pode elaborar seu plano de trabalho a partir de situações-problema, vivenciadas no cotidiano escolar, relacionadas ao desrespeito às diferenças. Para tanto, educar reconhecendo as diferenças culturais, sociais, econômicas, religiosas, entre outras se faz necessário.

De acordo com GEBARA e MOREIRA (2014, p. 5):

“Nenhuma criança nasce preconceituosa, mas aprende a sê-lo ao longo de sua socialização quando nas relações que estabelece com adultos introjeta o comportamento racista e preconceituoso que é cultural e socialmente construído”.

De acordo com SANTANA, (2001, p. 2) “Esses desafios precisam ser encarados se pretendemos construir uma educação pautada na esperança de um mundo mais justo e fraterno”. Este é também nosso desafio como docentes/cursistas do Projeto Residência.

Outros aspectos também importantes, no tocante a formação de professores, relacionam-se à articulação com o currículo. Gomes (2007) ao refletir sobre o currículo e diversidade, aborda um conjunto de indagações, dentre estes toca em preocupações que ocupam os profissionais da educação básica, tais como: qual o papel da docência, da pedagogia e da escola? Que concepções de sociedade, de escola, de educação, de conhecimento, de cultura e de currículo orientarão a escolha das práticas educativas? Sabemos que esse conjunto de questões tem sido objeto de debate nas escolas e no cenário educacional nas últimas décadas.

A função da escola, da docência e da pedagogia vem se ampliando, à medida que a sociedade e, sobretudo, os educandos mudam e o direito à educação se alarga, incluindo o direito ao conhecimento, às ciências, aos avanços tecnológicos e às novas tecnologias de

informação. Mas também o direito à cultura, às artes, à diversidade de linguagens e formas de comunicação, aos sistemas simbólicos e ao sistema de valores que regem o convívio social, à formação como sujeitos éticos.

A mesma autora ainda afirma que a educação dos negros é um campo político e pedagógico que nos ajuda a avançar na relação entre ética e diversidade e traz mais indagações ao currículo. Como a escola lida com a cultura negra e com as demandas do povo negro? Garantir uma educação de qualidade para todos significa, também, a nossa inserção na luta antirracista?

Colocamos a discussão sobre a questão racial no currículo no campo da ética ou a entendemos como uma reivindicação dos ditos “diferentes” que só deverá ser feita pelas escolas nas quais o público atendido é de maioria negra? Afinal, alunos brancos e índios precisam saber mais sobre a cultura negra, o racismo, a desigualdade racial? De forma semelhante podemos indagar: e os alunos brancos, negros e quilombolas precisam saber mais sobre os povos indígenas? Como faremos para articular todas essas dimensões? Precisaremos de um currículo específico que atenda a cada diferença? Ou essas discussões podem e devem ser incluídas no currículo de uma maneira geral?

Entendo que a questão racial permeia toda a história social, cultural e política brasileira e que afeta a todos nós, independentemente do pertencimento étnico-racial. Ricas experiências têm sido desenvolvidas em vários estados e municípios, com apoio ou não das universidades e secretarias estaduais e municipais.

No tocante à formação de professores, levando-se em conta os dez anos da promulgação da lei 10.639/03, verifica-se uma grande utopia na formação de docentes no que se refere a história e cultura afrodescendente. Pois, sabe-se que o professor tem o direito e o dever de conhecer a história e cultura africana e afro-brasileiras, o que nem sempre ocorre, para que a diversidade seja uma realidade nos currículos da rede de ensino brasileiro. Entretanto, com a criação da lei, não podemos dizer que não houve ainda acesso, dos grupos raciais, dos programas de pós-graduação de alguns lugares do país, mas há ainda um grande déficit nas redes de ensino. No Brasil, existem muitos professores, mas poucos se interessam pela temática, excetuando-se docentes das disciplinas de história, os outros desconhecem a obrigatoriedade e a cultura africana e afro-brasileira.

Para conhecer um pouco os estudantes, proponho atividades nas quais eles tenham que se descrever a partir da frase “Eu sou assim”. Neste caso, a proposta é uma produção de texto

com lacunas em que ao preenche-las o estudante descreve suas características físicas como: idade, sexo, cor dos olhos cabelos, cor da pele...

Dentro de alguns critérios, tais como, idade, cor, características físicas, o que mais gostam. Partindo do pressuposto que a maioria da turma é geralmente composta por estudantes pardos e negros, entre sete e oito anos, cabelos crespos e olhos castanhos. Observei a partir das respostas dos alunos se os negros e as negras que se declaram como morenos, negando assim sua própria identidade. Propus, então, desenvolver um projeto buscando um olhar diferenciado sobre as histórias infantis, os livros didáticos, a escola enquanto reprodutora da desigualdade, os professores sem formação e informação a respeito. Propus atividades de valoração humana e respeitosa para todos independentemente, do curso possibilidades viáveis e de responsabilidade pedagógica nas escolas e salas de aula. Como procurei realizar de forma planejada e dialogada, projetos e atividades que falem da cultura, da história e da beleza negra, desde que iniciei o curso EPPIR. Proposta que destrinchei melhor neste trabalho, tentando ampliar meu olhar para reflexões e críticas sobre elas.

Para tanto, parti da premissa de que a identidade de uma pessoa é a construção de si mesma embasada no social e sua relação com o outro, ou seja, o outro é importante neste processo, portanto a relação deve ser positiva respeitando e preservando a autoestima na socialização.

“Que os meninos e as meninas das escolas públicas, comunitárias, privadas e filantrópicas no Brasil não recebam titulações pela cor e pelo pertencimento racial é o nosso sonho e esperança” (SOUZA, 2009, p. 14)

Dentre os grandes desafios estão relacionados a superação de dificuldades de conviver com as questões raciais entre as crianças e entre eles mesmos, a fim de que se construa uma prática pedagógica voltada para o respeito mútuo, conscientizando-se de que é fundamental lidar com as diferenças. Para isso, tive que parti do princípio de que elas são riquezas que precisam ser respeitadas, ou seja, de revelar em um pouco as emoções, as razões individuais, os preconceitos herdados da nossa cultura e da nossa história.

A expressão reeducação para as relações étnico-raciais pode ser entendida conforme Santos e Lima (2014, p. 14):

Falar em reeducação, como afirmam os especialistas nas questões de educação étnico-racial, significa assim ressaltar que já ocorre uma educação das relações na escola e na sociedade em geral que precisa ser questionada.

O que significa pensar nas percepções atuais sobre o racismo, preconceito e discriminação racial que se configuram hoje como temas preponderantes, tanto nos meios de comunicação, quanto na vida cotidiana e a escola não pode estar alheia a estas discussões, indagando-as.

A pesquisa de Cavalleiro (2000) que tematiza o racismo, o preconceito e discriminação, no contexto da educação infantil e trata do silêncio que se estabelece tanto no lar quanto na escola e suas influências nas crianças, nos auxilia nas reflexões sobre as desvantagens da população negra, no contexto brasileiro, e aponta a premência de pautar essa temática no campo educacional. A mesma autora afirma:

No que diz respeito à educação, o quadro também se mostra desvantajoso para o segmento negro da população. De acordo com diversos estudos nas escolas brasileiras, o racismo aflora de inúmeras formas, ocultas ou não. Conseguir lançar alguma luz sobre os conflitos étnicos no âmbito da educação escolar representa o interesse central de muitos pesquisadores que estudam essa questão (CAVALLEIRO, 2000, p.32).

Cavalleiro (2000) também destaca que, “esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e adolescentes negros” (CAVALLEIRO, 2000, p.33).

Portanto, é papel das instituições escolares, independentemente do grupo social e étnico-racial que atendam realizar um trabalho contínuo e constante que tematize a educação para as relações étnico-raciais, contribuindo para a construção de saberes que sejam facilitadores do processo de superação das desigualdades.

Assim, espera-se que a escola assuma de fato sua função social na formação de cidadãos conscientes de seu lugar, conforme argumenta Gomes (2007, p. 14): “O sistema escolar, assim como a nossa sociedade, vai avançando para esse ideal democrático de justiça e igualdade, de garantia dos direitos sociais, culturais, humanos para todos”. Contudo, como argumenta a autora, “entendo que ainda é necessário superar entraves e investir em propostas mais fortes para superar tratamentos desiguais, lógicas e culturas excludentes”, ou seja, precisamos agir.

As práticas docentes e suas potencialidades são importantes para a efetivação de uma reeducação para as relações étnico-raciais que possam contribuir para a construção de um currículo equânime.

Deve-se enfatizar, no entanto, que reeducar as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e no interior das instituições escolares não implica, definitivamente, em inverter os polos de hierarquização racial, colocando as populações inferiorizadas no topo da valorização social e a população branca no lugar da inferioridade. Não se trata, portanto, de optar por um afrocentrismo em oposição ao eurocêntrismo historicamente vigente em nossa sociedade. Trata-se ao contrário, de fomentar, tanto nas escolas como nos diferentes espaços da sociedade brasileira, práticas pedagógicas capazes de proporcionar interações sociais valorizadoras das diferentes identidades e pertencimentos étnico-raciais de crianças, jovens, adultos e idosos.

## **05-Objetivo geral**

Fortalecer a identidade dos alunos e o reconhecimento das suas características físicas e culturais de forma positiva e por histórias negras.

### **5.1-Objetivos específicos**

I – Estimular a autoestima,

II - Resgatar a memória, a cultura e a identidade étnica da população negra na comunidade e na escola, por meio de histórias literárias e reais.

## **06-Metodologia**

Estudo dirigido com os alunos em sala de aula em aulas específicas voltado para o desenvolvimento do projeto.

### **6.1- Ações previstas no projeto**

Exploração da literatura afro-brasileira na escola e livre manuseio dos livros pelos alunos.

Comecei desenvolvendo o projeto, partindo da literatura Afro-brasileira e aproveitando o momento para visitar a biblioteca e explorar o acervo. As crianças escolheram os livros do “kit afro” que mais gostaram e exploraram como quiseram. As obras escolhidas foram:

- a) O cabelo de Lelê de Valéria Belém;
- b) O menino Marrom de Ziraldo;
- c) As tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf;
- d) Berimbau de Raquel Coelho;
- e) A Botija de Ouro de Joel Rufino;
- f) Betina de Nilma Lino Gomes;
- g) Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado;
- h) A Bonequinha Preta de Ana Raquel;
- i) Karu Taru: o Pequeno Pajé de Daniel Munduruku;
- j) Cabelo de Cora de Ana Zargo Câmara.

Fiz alguns apontamentos de questões sobre como aquele material poderia nos enriquecer com o estudo minucioso e crítico, conhecendo assim a cultura afro-brasileira, conforme é possível perceber no Plano de Aula diário, que se segue abaixo:

## **6.2- I Momento: Plano de Aula diário**

A estrutura deste plano se divide em onze aulas descritas abaixo

### **1ª aula**

#### **Objetivo:**

Reconhecer suas características individuais.

Dinâmica da caixinha com espelho

Para trabalhar a autoestima dos estudantes, levei um espelho para sala dentro de uma bela caixinha. Os estudantes foram organizados em círculo, para que um de cada vez pudesse ver o que tinha dentro da caixa, mas não podiam dizer o que viam. Ao final todos deveriam falar de si. A professora, eu, fui intervindo e reforçando que eles são únicos e, portanto, devem valorizar-se.

### **2ª aula**

#### **Objetivo:**

#### **Valorizar os cabelos afros**

Leitura do livro “Os cabelos de Lelê”

Reescrita da história “Os cabelos de Lelê”. Após a leitura do livrinho uma criança foi escolhida por ordem alfabética, para levar o caderno de trabalhos literários da sala, para sua casa. Assim faria a atividade pedida daquele dia e compartilharia nosso trabalho com sua família.

### **3ª aula**

#### **Verificar diversos tipos cabelos afros**

Cabelo de Cora de Ana Zargo Câmara

Leitura da obra, fazendo intervenções sempre para perceberem as situações de racismo expressas nos livros. Fiz conversas sobre os dois livros lidos, procurando dialogar com os dois (Cora e Lelê), visto que a intertextualidade é evidente.

## **4ª aula**

### **Trabalhar a beleza dos cabelos**

Levei, para sala de aula, um xerox de um rosto de criança com traços de negro, porém, sem cabelos, para as crianças colorirem e colocarem os cabelos de Cora e de Lelê.

Organizei um painel com os trabalhos das crianças.

## **5ª aula**

### **Reconhecer que beleza não tem cor**

Leitura da obra Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado.

Foi realizada uma Roda de conversa sobre o tema, chamando a atenção para o fato que coelhinho só conseguiu um filhote negro porque se casou com uma coelha negra. Após, foi preenchida uma ficha de leitura, destacando as principais partes do texto que sobre a questão racial.

## **6ª aula**

### **Ornamentação**

Criação de diferentes tipos de laços para enfeitar os cabelos de Cora e Lelê. Foi espalhado laços para que pudessem ornamentando um cartaz que se remetia às leituras dos cartazes.

## **7ª aula**

### **Valorizar a cultura africana**

Berimbau de Raquel Coelho.

Após a leitura da história, ouviram a música de capoeira e escreveram a letra da música “O Marinheiro”.

## **8ª aula**

### **Participar da cultura africana**

Apreciação de uma roda de capoeira na nossa escola, momento que o berimbau ficou à disposição para os alunos tocarem.

## **9ª aula**

### **Discutir sobre a cultura africana**

As tranças de Bintou - Sylviane A. Diouf

Discuti com a turma sobre a cultura do povo em relação as tranças.

Desenharam a menina Bintou e preencheram outra ficha de leitura.

## **10ª aula**

### **Perceber as bonequinhas pretas no cotidiano**

A Bonequinha Preta de Ana Raquel.

Foi realizada a leitura do livro e confeccionada bonequinhas pretas, em formato modelo chaveirinho com cada aluno.

## **6.3-Fazendo uma pequena pesquisa**

A ideia era conhecer um pouco mais sobre a família e seus valores, além de sua constituição e forma como lidam com a dimensão negra. Para tanto, o questionário continha:

- a) Pergunta de como era sua família;
- b) Quantas pessoas são negras e quantas são brancas;
- c) Como era ou eram seus bisavós e avós;
- d) Se já vivenciaram ou se conheciam alguém que já viveu situação de preconceito, por motivo da cor da pele ou por características étnico-raciais na escola. E tinham que saber como se sentiram e como a pessoa agredida se sentiu.

## **07-Cronograma:**

Tempo aproximado de seis meses, agosto a dezembro 2015.

## **08-Discorrendo e analisando a prática pedagógica de desenvolvimento do Plano de Aula:**

A proposta desenvolvida na Turma teve como referência os conceitos que estabeleceram as diretrizes e bases da Educação Nacional - Lei 10639/03.

Nota-se que no panorama nacional,

“A Lei n. 10.639/2003 pode ser considerada um ponto de chegada de uma luta histórica da população negra para se ver retratada com o mesmo valor dos outros povos que para aqui vieram, e um ponto de partida para uma mudança social. Na política educacional, a implementação da Lei n. 10.639/2003 significa ruptura profunda com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam a melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas” (BRASIL, 2008. p. 10).

Também sobre a temática da educação para as relações étnico-raciais, é importante enfatizar que o estabelecimento de diretrizes tornou-se fundamental para o Brasil, um país que se caracterizou por distinguir de forma tão acentuada seus cidadãos através da cor da pele (SABÓIA E SABÓIA, 2008). Desta forma:

“A lei n.º 10.639/03 (...) pode ser considerada uma reivindicação do Movimento Negro e de organismos da sociedade civil, de educadores e intelectuais comprometidos com a luta antirracista. Pode também ser entendida como uma resposta do Estado às demandas em prol de uma educação democrática, que considere o direito à diversidade étnico-racial como um dos pilares pedagógicos do país, especialmente quando se consideram a proporção significativa de negros na composição da população brasileira e o discurso social que apela para a riqueza dessa presença” (BRASIL, 2012. p. 22).

Munanga, (1986: 27) que após minha leitura e reflexão, ajudou-me a conscientizar-me da necessidade de uma prática que condiz com análise e trabalho envolvendo a comunidade escolar. Já que a apropriação da cultura afro-brasileira se dá a partir do resgate do passado, tradições e raízes e que o negro submisso a sociedade pode vir a valorizar a cultura europeia criando uma desestabilidade cultural, moral e psíquica trazendo alienação e submissão. Assim considere a importância de se desenvolver, de maneira articulada, a autoestima, e os conhecimentos da cultura afrodescendente.

O projeto se desenvolveu com muito entusiasmo, desde os primeiros dias as crianças se envolveram assim se percebe na descrição das aulas:

A dinâmica do espelho, a professora falou que dentro da caixa havia algo muito especial, a coisa mais importante da vida estava lá. As crianças sentadas em círculo foram passando a caixinha toda enfeitada com um espelho dentro, ao se ver refletido, não podiam dizer o viram e somente no final poderiam comentar.

Algumas sentiam se felizes ao se verem, outras se envergonhavam, mas todos tiveram uma reação de negação ou aceitação. Observei bem a menina negra que ao se ver demonstrou satisfação, ou seja boa autoestima. Porém, não foi o que aconteceu com todos, pois pude observar crianças com baixo estima sem nenhum orgulho demonstrado ao ver-se refletido no espelho. Marcos era um deles era negro e possuía uma mancha no rosto. Resistiu e até se escondeu do espelho e nada disse a seu respeito. Quando questionado se recusou a dizer!

Hoje, me questiono quanto a dinâmica realizada, se elas pode ter sido errônea a forma como abordei o assunto ou poderia ter imaginado que nem todos aceitam sua aparência e gostam de suas características físicas. Aquele menino deve ter se sentido humilhado diante do fato de ser diferente. Em seguida, fui registrando, no quadro, os comentários dos estudantes que foram:

Uma criança feliz!

Minha beleza!

Um diamante!

Um tesouro!

**Frase criada pelo grupo:**

Somos iguais e diferentes!

Devemos respeitar o colega!

Cada um deve aceitar o outro como ele é.



**Foto 1:** Descobrimo-se pelo espelho

Quando contei a história “Os Cabelos de Lelê”, as crianças ouviram atentamente e riam quando eu mostrava as imagens de seu enorme cabelo. Lelê não entendia porque seus cabelos eram tão encaracolados e foi pesquisar em livros. Descobriu que seus cabelos eram assim por sua descendência. Então discuti com os estudantes a questão hereditária. Depois, fizeram um reconto em sala, seguindo um roteiro: Quem são os personagens, qual é o problema, como foi resolvido o problema?

Hoje, revendo o trabalho vejo que eu não explorei tanto quanto devia a história dos cabelos de Lelê, pois a obra me apontava elementos ricos para se trabalhar o continente africano, Eu devia ter explorado a localização da África, por exemplo, pois durante a contação da história surgiram muitas curiosidades e argumentações, tais como: “*Onde fica a África?*” “*Nossos parentes são como os parentes da Lelê?*”, “*Meu cabelo é igual ao da Lelê?*”, “*Professora, a Lelê tem cabelo de Bombril, igual ao meu.*”, “*A África é muito pobre?*”

Eu respondi e discutimos oralmente, porém faltou embasamento teórico, registro e pesquisa.

A leitura do livro “os Cabelos de Cora.” Os estudantes já ficam ansiosos ao ver o livro e já se assentam ao chão. Entre o primeiro e o segundo livro existe uma intertextualidade. O que foi bom para fazer um trabalho com uma caricatura de uma criança negra, sem cabelos coloridos para que os alunos colorissem. Interessante perceber que um estudante (o Marcos citado na dinâmica do espelho) coloriu o desenho com uma mancha branca no rosto negro. Quando questionado, responde que é ele... Veja minha mancha aqui apontando para o lado

esquerdo do rosto. Observo que Marcos já fala de suas características com um pouco mais de aceitação, ou seja, há uma reformulação de sua identidade de forma positiva.

Uma atividade que eles gostaram muito foi colocar cabelos de acordo com sua imaginação. Os materiais usados foram: saco plástico de lixo preto, cortados em tiras finas, espiral de encadernar livros, e papel de revistas. Fizeram trabalhos interessantes. E foram expostos em sala de aula. Ao final dessa aula, uma menina se levantou e mostrou que seus cabelos eram como os cabelos de Cora, porém ela começou a aceita-lo. Levantou se e soltou sua cabeleira. Foi um momento importante. Todos os estudantes aplaudiram.

A apreciação do livro Berimbau, as crianças ficaram muito atentas, antes de ler fiz alguns questionamentos como: O que vocês acham que esta história trata, vejam o título? Quem conhece um berimbau? Pois então este livrinho vai nos mostrar um pouco da cultura afro. Expliquei o que é cultura (modo de viver de uma sociedade, grupo, família, entres outros.), pedi exemplo de um estilo de música da nossa cultura eles disseram; Frank, rock e sertaneja. Veremos aqui algumas palavras sobre a cultura dos africanos, e músicas diferentes. Havia palavras como Gingava, pés descalços, capoeira. Ao termino da leitura, conversamos a respeito das palavras. Convidei um grupo de capoeira à apresentar a dança para os estudantes, ao som do tambor e do berimbau puderam gingar e sentir um pouco da cultura. O berimbau estava à disposição para os alunos tocar.

Conto “O Menino Marrom”. Esse livro de Ziraldo, conta a história de um menino marrom, nome que se deu ao livro, mas o menino marrom não está sozinho, o menino cor-de-rosa aparece na história como inseparável e melhor amigo do menino marrom, e assim mostrar que a amizade e o companheirismo independe de qualquer fronteira, raça, classe social ou etnia. No decorrer do livro conta sobre diversos descobrimentos que os dois amigos compartilhavam, e como se deparavam com revelações sobre as diferentes colorações e grupos étnicos. O autor enfoca no fato das denominações que se dão na questão da cor da pele, e põe em discussão sobre o sentido das palavras, preto, branco, negro, claro, escuro, moreno, etc.

Os dois são inquietos e questionadores e procuram conhecer o porquê de tudo. A história conta com detalhes a personalidade e as características dos garotos, e como faziam para passar o tempo e se divertir nas horas vagas, mas também brigavam de vez em quando, uma interação normal entre dois amigos; O livro conta também algumas das diversas coisas que descobriram na questão dos segredos que envolvem o colorido da vida, Foram o que os meninos mais se encantavam. Descobriram o porquê de tudo e, especialmente, se tratando de

cores e, desse modo, colocar a mente das crianças voltadas para essas questões de amizades e seus verdadeiros sentidos.

Outros personagens também aparecem no livro, mas são os meninos que tomam conta da história como protagonistas e, assim, o autor traz junto com eles diversas alusões, metáforas, passagens que podem ser amplamente abordadas em sala de aula e para o público infanto-juvenil.

A principal temática do livro é trazer questões sociais sobre a gama de raças e etnias que compõem a nossa sociedade e esses temas são discutidos na obra de uma forma clara que possam ser interpretadas para as crianças. Ele coloca em discussão as atitudes discriminatórias e a intolerância racial, e, assim, cultiva nas crianças mensagens sobre os verdadeiros valores e sentidos da vida, como a verdadeira amizade e lealdade. As crianças sentadas ao chão, muito atentas a cada palavra! Porém fiz uma pausa quando mencionado a palavra cor de pele. Perguntei qual é a cor de pele, visto que as crianças ao colorir um personagem colorem de cores claras e suaves. Solicitei que pegassem o lápis cor de pele as cores que pegaram eram: rosa e bege, ao mostrar o lápis falavam as cores e havia outro lápis que por incrível que pareça citaram o nome de cor de pele. Intervi e pedi que colocassem as cores desses lápis sobre sua pele e perguntei:

\_ Estas cores são da cor de alguém da sala?

\_ Não professora.

\_ Então como podemos ver, todos nós temos cores diferentes

Frases criadas pelas crianças, com desenho sobre o que aprenderam com o projeto Identidade Racial.

- Devemos respeitar as pessoas!
- Não posso ser racista.
- Somos bonitos de qualquer cor, preto e branco.
- Todo mundo é diferente.
- Cabelo de qualquer jeito tá bom.

São frases simples, mas de grade valia, pois, aqui vejo alcançados os objetivos que Estimularam a autoestima, de resgata e da memória, da cultura e da identidade étnica da população negra, na comunidade e na escola, por meio de histórias literárias e reais.



Foto II: Contação de história e atenção

### **8.1- O porquê de uma pesquisa familiar.**

Vimos que os paradigmas devem ser quebrados e que novos conceitos devem ser construídos. A identidade racial de uma pessoa contribui para ascensão social, se, contudo a pessoa não negar sua raça. Pois caso contrário, ela deixará seu lugar para se colocar no lugar do outro, sendo assim, internalizada uma cultura que não é sua. Na tentativa de se tornar branco, ele estará contribuindo para manter o mito da democracia racial, o preconceito velado e aceitando a miscigenação como forma de alienação da nação e, conseqüentemente prejudicando os negros quanto ao acesso aos bens culturais. Segundo Munanga, (1986, p.27):

“Na sua totalidade negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para na seqüência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito. Como tornar real essa semelhança a não ser através da troca da pele? Ora, para nisso chegarem, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a auto recusa.”

Ora, neste dilema “o embranquecimento do negro realizar-se, principalmente, pela assimilação dos valores culturais do branco”. Sendo assim o racismo exige ruptura, uma desconstrução do eurocentrismo e a aceitação do eu, pois a partir construção de sua autoestima, quebrando paradigmas e aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente.

Assim, com esta atividade pedagógica os meninos consolidaram os conceitos trabalhados em sala. Percebi em seus relatos sobre a atividade a que chegaram à conclusão de que na maioria

das famílias há alguns negros, brancos e pretos, chegando assim a mestiçagem do povo brasileiro.

## **09-Avaliação:**

A avaliação foi feita pelo envolvimento dos estudantes, através dos recontos e trabalhos realizados por eles, pela convivência diária com os colegas de diferentes etnias, por mudanças observadas em relação a sua própria aparência como: penteados, roupas e adornos.

### **9.1-Culminância do projeto a partir de elementos culturais**

- a) Estética – cabelo, roupas, estampas
- b) Éticos – respeito a diversidade
- c) Cultura – origens, história da África
- d) Religião – candomblé
- e) Esportes – capoeira
- f) Alimentação – pratos comidas típicas

Um dia afro na escola, os estudantes trouxeram à tona toda beleza dos africanos como: penteados, roupas maquiagem.

Este dia envolveu toda a comunidade: Convidamos os pais a participarem dos salões de beleza, enfeites pela escola, apresentação de músicas típicas capoeiras, roda de samba.... Convidamos as meninas a soltarem os cabelos e assumirem a sua beleza natural. Os meninos também deviam participar e podiam fazer penteados diferentes usando gel. A data funcionou como uma espécie de ação afirmativa dentro da escola. Depois disso, as próprias mães começaram a perceber de forma diferente a beleza dos cabelos de seus filhos. Houve diversos de tipos de tranças.

Esses penteados, mais recentemente, têm se estendido para outros grupos não-negros, principalmente jovens. Valorizar esse aspecto da cultura trazido pelas crianças negras merece atenção por parte de nós educadores. O mesmo cuidado deve ser dispensado às questões relativas à cor da pele, a informações sobre a melanina, que dá coloração à pele, devem ser estudadas pelas crianças e compartilhadas com os adultos.

Não há forma melhor se incentivar autoestima de uma criança que não seja a auto valorização e o conhecimento.

## **10-Considerações finais**

A identidade étnica racial trata-se de uma consciência de pertencimento a um grupo étnico e racial ou fruto da construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e reconhecimento adquirido diante das relações sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma certa cultura. Assumir a identidade racial negra em um no Brasil é um processo delicado, visto que os modelos "bons", "positivos" e de "sucesso" de identidades negras não são muitos e poucos divulgados. Não se tem no Brasil respeito à diferença em meio à diversidade de identidades raciais/étnicas. O sujeito negro tende a se recusar a assumir-se negro, pois a sociedade julga e condena o tempo todo, colocando o negro como algo ruim e impuro na sociedade. Tudo que é pejorativo é destinado ao negro. As “piadinhas” são constantes com caráter político e psicológicos, podendo trazer para os sujeitos prejuízos de ordem da socialização, pois sentindo se excluído tende a se tornar antissocial.

Sendo nosso país mestiço, biológica, social e culturalmente. A mestiçagem biológica é realidade, pois seria o resultado das trocas genéticas entre diferentes grupos populacionais, que na vida social se revelam, nos hábitos e nos costumes. No sentido da mestiçagem, ser negro possui vários significados, que resulta da afirmação, da aceitação do eu, da identidade racial que tem a ancestralidade africana como origem (afrodescendentes). Ou seja, ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra.

Discorrendo sobre minha prática no projeto vejo que algumas ações não foram tão positivas quanto imaginei. Marcos o menino e tímido sentiu dificuldades ao abordar o assunto da imagem de cada um. Será mesmo que eu fiz bem iniciar o projeto com uma dinâmica em que as crianças viam em um espelho sua imagem podendo a chegar a comparação como foi o caso? Não pensei e só hoje vejo que vítimas de racismo são pessoas com tendência a ter baixo autoestima, negação da própria imagem, sentimentos de angústia e revolta, dificuldades de relacionamento e queda no rendimento escolar.

Os livros será que foram mesmo escolhidos com o objetivo a que eu propunha? A obra “O Menino Marrom” foi ideal para uma afirmação de identidade sendo que na realidade não

existe pele marrom? Penso que a cor de pele devia ser trabalhada com recortes de pessoas de jornais e revistas e não com “O Menino Marrom” em destaque, pois no dia dessa atividade, entreguei folha xerocada para os estudantes colorirem o menino, e mesmo sendo citada outras cores de crianças na história, os estudantes na maioria coloriu a imagem de marrom.

Outra questão crucial é que o tema Identidade racial bem como todos os temas ligados ao racismo não devem ser trabalhados em “projeto”, pois corremos o risco de não atingir os objetivos propostos e ainda o risco de se trabalhar o assunto somente em datas comemorativas relacionadas ao negro como vinte de novembro por exemplo. O ideal que o assunto raça etnia seja trabalhado permeando todo o ano letivo e passando por todos os conteúdos escolares.

Por isso, digo que o professor mal informado pode cair em contradições absurdas ao desenvolver esse trabalho, enfatizamos, então a necessidade de formação e reeducação para as relações étnico-raciais na escola. No entanto, lembramos que reeducar as relações étnico raciais na sociedade brasileira e no interior das instituições escolares não implica, definitivamente, em inverter os polos de hierarquização racial, colocando as populações inferiorizadas no topo da valorização social e a população branca no lugar da inferioridade. Não se trata, portanto, de optar por um afro centrismo em oposição ao eurocentrismo historicamente vigente em nossa sociedade. Trata se ao contrário, de fomentar, tanto nas escolas como nos diferentes espaços da sociedade brasileira, práticas pedagógicas capazes de proporcionar interações sociais valorizadoras das diferentes identidades e pertencimentos étnico -raciais de crianças, jovens, adultos e idosos.

A formação dos que a professores é essencial visto maioria dos docentes não tem conhecimento de causa o que dificultou o meu trabalho, pois não houve envolvimento do grupo e de pedagogos, mesmo eu tendo solicitado a gestão não demonstrou interesse. Ou seja, sem a conscientização da importância de se desenvolver a proposta da lei 10639/03 e sem que essa lei seja inclusa no PPP da escola o trabalho de um professor tende a ficar somente individualizado e conseqüentemente com poucos resultados.

## **11-Referências bibliográficas:**

MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília, DF: MEC, SECAD, 2005.

ROMÃO, J., (2001). O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, E. (org). Racismo e antirracismo na educação: repensando a escola. São Paulo: Summus. p.161-178

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

TEIXEIRA, Maria Aparecida Silva Bento. Resgatando a minha bisavó: discriminação racial no trabalho e resistência na voz dos trabalhadores negros. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992, 135 p. (Dissertação, Mestrado em Psicologia Social).

BERND, Zilá. Racismo e anti-racismo . São Paulo: Editora Moderna, 1997.

<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

KOBENA apud GOMES, 2002, p. 148. .... Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.C

MOREIRA, Edinéia da Silva; GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi. África em nós: A Necessidade (des) construção da imagem da África e do negro na sala de aula. BH: UFMG, 2014; (mimeo)

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Novas Rodas na Educação Infantil: A Cultura Afro-Brasileira na Escola. Jornal Bolando Aula. Ano 11, número 81. Santos, 2007.

SOUZA, Yvone Costa de. Atravessando a Linha Vermelha: Programa “Nova Baixada” de Educação Infantil – Discutindo a diversidade étnico-racial e cultural na formação docente. 2009. P. 119. Dissertação. (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. 2009.

SANTOS, Marcos Ferreira. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Usos e sentidos São Paulo, Ática 1986.

BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVA Jr. Resgatando a minha bisavó – discriminação racial e resistência na voz dos trabalhadores negros. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PUC, 1992.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Neusa Santos Souza. –Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983 (Coleção Tendências; v.4).

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília, DF: MEC, SECAD, 2005.

GOMES, Nilma Lino. et al. Identidades e corporeidades negras: reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

BRASIL. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: SECAD; SEPPPIR, jun. 2009.

[Portal.mec.gov.br/documentos/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://Portal.mec.gov.br/documentos/orientacoes_etnicoraciais.pdf)

[www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php](http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php) Acessado em: 02 nov. 2015, 16:30:30.

GOMES, Camila G. S. Desempenhos emergentes na aquisição de leitura funcional de crianças com autismo.2007. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: [tp://200.136.241.56/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2128](http://200.136.241.56/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2128). Acesso em 10 marco 2016

BRASIL. Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p.1, 10 jan.2003.

BRASIL. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: SECAD; SEPPPIR, jun. 2009.